



## A MUDEZ, VIVA VOZ

Gastón Cosentino<sup>1</sup>

Se a maneira da flecha de Zenón, o movimento é a resultante dos estágios anteriores e posteriores, ainda a participação do momento zero, no qual para nossa percepção é repouso, então dá para pensar que o silêncio de Tia Reche, no conto *Aves Exóticas*, de Reina Roffé, ensurdecernos a força da sua singularidade, já que, a pesar de que em cada instante o silêncio percebe-se como uma unidade incomovível, estar em silêncio, para a personagem é mais que um fato isolado ou relativo. É só uma das faces da moeda, no binarismo do que forma parte: silêncio-voz, palavra dita ou viva voz. Não se pode julgar, por enquanto, mediante uma análise estática, a condição da personagem. Este proceder deixar-nos-ia com a foto e não com o filme que oferece Roffé no seu texto.

A protagonista do conto está embebida no silêncio. É necessário avaliar esta condição com outros momentos imediatos que se escorrem entre as palavras do texto e traçam fugas que iluminam constelações de sentido. De maneira tal, que se contrastarmos, ou melhor, amplificarmos as pisadas do silêncio até a possibilidade de dizer, encontrar-nos-emos com a dinâmica que pressupõe qualquer entidade estática: a palavra está movimentando-se detrás de uma pessoa que cala.

Esta revelação nos aponta além de que Reche seja uma espécie *rara*. Nos fala de uma mulher silenciosa que deixa entrever até que ponto é outra mulher e parte de um gênero silenciado.

### *Sui generis ou pomba de praça?*

O texto *aves exóticas*, de algum modo, subverte os lugares comuns, e o pouco esperável, torna-se realidade: a mudez, viva voz.

Como leitores, imbuídos no esperável, no texto sobre mulheres que se presume desde o título “mulheres raras”, nos encontramos assaltados ao comprovar que a luta de Tia Reche é a luta do gênero entendido como *gender*. É uma pugna interior que batalha contra a consequência de sua condição de mulher, para atingir a conquista mais temerária: a consciência instantânea capaz de vencer um dispositivo sempre mais complexo.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura, UFSC. Membro do Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Literários Latino-Americanos. Contato: florespanhol@gmail.com



Como é nossa atitude frente ao que se denomina raridade? Quanto de desconhecido tem a raridade?

Desde o título, *Aves exóticas*, que de maneira homônima intitula o livro, se oferece uma chave de leitura interessante que invita a seguir seus rastros.

*Mulheres raras –rara avis<sup>2</sup>- aves exóticas*

Como toda mujer, yo me entrego al amor  
sin medida, sin tiempo,  
y con todo cuando alguien me quiere  
como toda mujer me emociona  
una flor, un te quiero, mil cosas  
como toda mujer... como aquella y usted.  
Canção popular

Tia Reche acaba conquistando sua própria certeza. Ela é observada como uma *rara avis*, em silêncio, desde fora. É espectadora e cenário. Seu silêncio convida a contar. Um silêncio que enlouquece sua própria estrutura e comove de tal maneira, que para seu universo, cheio de submissão, ter sido dona da sua vontade de desejo, haver sorteado um corredor que se alongava indefinidamente, alimentado por seu tremor, é um desafio feito logro. O reto para Reche consiste em conhecer os limites próprios, para orientá-los à vontade e achá-los capazes de harmonizar ou lidar com o exterior, a consciência; porque olhar o fora como avesso do dentro é o começo de uma nova consciência para ela, que a reconcilia com sua natureza e a erige como uma certeza derrideana.

*1. Variações sobre o exótico e a rareza*

Quando olhamos um elemento estranho ou desconhecido ao horizonte de expectativas do sujeito, ele nos oferece detenção em sua generalidade, um especial interesse para o conhecedor. No texto, o exótico é singularidade: pura subjetividade. Possibilidade que outorga uma riqueza ancorada em uma personagem que batalha frente a sua condição de mulher absorvida pelos laços de família e seu pobre poder de eleição a respeito de um encerro que lhe confere a geografia de seu silêncio (não é outra coisa que o silêncio do seu corpo).

Por outra parte, aparece o raro, que estaria inscrito num terreno fora da convenção social e cultural. A raridade humilha, quando é rotulada desde as supostas maiorias étnicas, sexuais, etc. Na realidade, uma mulher rara é tão vasta para o imaginário social, que seria difícilimo, num só olhar,

---

<sup>2</sup> Raro-a [Do lat. raru.] Adjetivo. 1. De que há pouco; que não abunda: Achei uma borboleta rara. 2. Que é pouco freqüente; incomum, invulgar, extraordinário: acontecimento raro. 3. Que não é denso; pouco espesso; ralo.



fazer uma descrição dela mesma. O mote *rara*, no caso específico do título do livro, que a sua vez atravessa a medula de todas as mulheres protagonistas dos contos que o integram, coloca a fêmea num lugar de singular privilégio. A intolerância de luvas brancas, ou o crime perfeito do preconceito, assentam suas hostes na rareza.

Acerca de alguém que não é de nosso agrado, bastará com dizer a outros/as que ele/a nos parece raro/a, para significar nossa distância (esconder muitas vezes nosso despreço ou preconceito) e não dar nenhuma explicação mais que essa: ficar absoldidos de qualquer olhar inquisidor.

Como marginalizar alguém? Indefini-lo, desterritorizá-lo, com um ademã que o signifique até a alma sem sequer tocá-lo.

Quanto podermos dizer de uma mulher como tia Reche? Rara, estranha, escassa na sua espécie, extravagante, inusual, infreqüente, excepcional, insólita, anormal, etc.

O gesto fascinante do conto completa-se num *riktus* indecifrável. A protagonista é falada desde a sensibilidade de um/a narrador/a, alguém que se detém em aspectos nodais da vida de um sujeito, nas insignificâncias vitais que configuram cosmos de sentidos.

Arrisquemos que há detrás dum guarda parques que observa aves exóticas, alheias a seu inventário, isentas da sua própria geografia.

Uma ave exótica presume, ao menos, duas leituras possíveis. A primeira, na ordem do avistável, concretizada naquela coisa que assalta com surpresa o observador; uma espécie pouco habitual ao meio em que sobrevoa ou aparece, ou porque não, em segundo lugar, o olhar do observador que oferece certa resistência e estranha de algum modo o que observa.

Por outro lado, também, temos a ave que de nenhum modo é estranha. Ela pertence à natureza (a que seja) muitas vezes insondável, mas nada estranha em si mesma. As aves, os sujeitos, as pedras, as literaturas e as melodias não são estranhas. Em todo caso, são estranhadas por um sujeito, uma comunidade ou um sistema que legitima sua sombra, amparado em costumes ou convenções.

Em outra ordem, apoiando-nos na esfera musical, poderíamos dizer que o/a narrador/a conjuga os silêncios para apresentar a harmonia própria de Tia Reche, que não soa como deveria soar a melódica vida das mulheres exitosas, desejadas e resolvidas da sua época e escala social; são aquelas que poderiam de uma portada arrancar uma porta, ou sumir para sempre, detrás de gritos e estrépitos.



Reche logra assimilar a rocha que lhe atravessa a garganta e não se deleita com seu sabor; sua vitória não é da ordem corrente. Não está alinhada no reconhecimento social (dimensão do público que não necessariamente começa no interior do sujeito). Dalí que o texto questione, por outra parte, o velo que separa o espaço público, do espaço privado, praticando uma mordida que começa pela carne e que atinge os domínios do metafísico.

## *2. As pequenas grandes violências cotidianas*

“La diferencia entre el hombre y el niño es el precio de sus juguetes”  
Dalmiro Sáenz

Dentro deste rango ou intervalo, das pequenas até as grandes violências, vive um mundo que é necessário abordar-lo.

A cozinha é entendida como lugar reservado culturalmente às mulheres ou ao gênero reservado à feminidade. Basta dar uma olhada às crianças de ontem e hoje para comprovar que “brincar de cozinha” ainda continua sendo das meninas (ainda quando a todo menino lhe fascine fazer bolos ou pratos diversos com lama em suas mãos e de cócoras). Em todo caso, não devemos deixar de insistir em que o olhar cultural é o que impregna e infiltra com suas categorizações de ditas práticas, neste exemplo, lúdicas. Jamais categorizam as mãos rachadas de terra seca de um menino ou de uma menina.

Retomando o binarismo grandes/pequenas violências cotidianas, a saber, desde a bofetada e o arraste pelos cabelos, até a torre de pratos para lavar. As tarefas com as mãos rachadas, esta vez pelo detergente e água sanitária, a força do imperativo cultural que se vestiu de gala lúdica tempo atrás, nos faz assitir a uma brincadeira que se transformou em destino cultural.

Resulta que no texto de Roffé, o grande e o pequeno fundem-se, concebendo um inevitável e doloroso *oximorom*: as pequenas grandes violências. Assim aparecem gritos: os necessários. O uivo exato: que tamanho tem numa discussão? Há gritos quantificáveis, posto que a transgressão do limite pautado pelas consciências que lutam se converterá pronto em violência física. As palavras não são contáveis, mas os gritos, sim.

## *3. A representação da mulher rara*

Convenhamos em que a rareza obriga a sair dos padrões, porém, exclusão dos paradigmas sociais. Agora, tentemos desmontar o artefato para indagar as partes que compõem sua potência. Veremos que são animadas por um artifício cultural em torno ao termo, neste caso, rareza e que



opera em nosso modo de apreender a realidade: uma escrita, uma marca da qual foram apagadas suas fontes. Desde esta perspectiva, nada é dado. Os albores dos tempos, a ideia de origem mesma, são remotos (enunciados deste modo são impossíveis de entender), logo, porém, a naturalização da cultura e a aceitação dogmática; um procedimento deliberado que faz marcas nas mentes e nos corpos.

Roffé transparenta e plasma, aportando, claro, a constituição da rareza, uma condição lingüística que se cola qual rêmora aos corpos e alimenta-se de suas singularidades.

O texto afirma que:

*“de nenhuma das versões sobre ela se desprende uma causa que justificasse sua ausência”.*

Isto quer dizer que não haveria motivo, em aparências, para que Reche se ensimesmara dessa forma, com tal magnitude. É provável que este juízo esteja dirigido a partir de causas visíveis, ou de domínio público. Em outras palavras, motivos consensuados pelo que socialmente se configura como uma sorte de arquétipo, acerca de uma mulher de sua idade e condição social, que se constrói e se estende a todas as pessoas como ela.

Uma mulher, ainda hoje, não deveria de ter motivos para ausentar-se de sua condição de mulher. Ela é ausência. Ausência do masculino na produção social do gênero.

Ali começa a se contornar o difícil lugar dos seres como tia Reche. Não são homens, porque suas redondezas não se permitiriam jamais (dentro das redondezas cabem os poderes que legitimam essa impossibilidade) e tampouco são mulheres, posto que este lugar está destinado a sujeitos inalienados por vontade cultural e tácita, ou seja, *natural*; No construto feminino jamais há vontade própria, domínio que é conveniente à esfera varonil. Mais uma volta de parafuso nos acerca à potência de tia Reche: o masculino na carne feminina significa rareza, mas uma rareza dinâmica, inquietante.

Além disso, esse lugar impreciso, espécie de limbo marginal que preparou a Modernidade, invisibiliza aos sujeitos sem tocá-los, em tanto que lhes quita o espaço para ser, a legítima possibilidade de ser.

Em uma posta em cena totalmente negra e escura, por escolher uma cor e aos fins de exemplificar melhor, só ressaltarão os objetos claros, logicamente. Agora bem, neste caso, tia Reche é escurecida e seu fado funde-a com a nada.

De criança, Reche é criada num povoado de interior. Sabemos o custoso que resulta ser diferente, enquanto aceitação social, nas grandes urbes. Assim, pois, não devemos nos esforçar



demasiado para imaginar o estigma que supõe não encaixar nas matrizes propostas pela política, a cultura em geral e sustentado pelo preconceito social.

O sonho de Reche é montar-se ao trem que a redima, transportando-a a Buenos Aires, cidade que, não obstante, oferecendo-lhe satisfação ao coração, a cuspirá à periferia, ao rio; aquele lugar de marginais marginados, de mulheres pouco decentes, de *homens muito homens*, músicas e sons das beiras: penas das almas portenhas.

Será por tudo isso que tia Reche estava sempre como em outra parte?

Ninguém a via. A resposta esteja acaso nesta sentença: quem vê o que não quer/pode ver, que jogue a primeira pedra. Simplesmente não possui uma identidade comum ao paradigma “mulher”, por tanto devém rara, despossuída ou desprovida, exótica.

#### 4. *Diz-me que perguntarias primeiro e eu te direi quem eres...*

Acaso haverá analogia mais lograda que a conjurada pelo/a narrador/a, entre tia Reche e o pássaro que bate as assas, só, castigado pela chuva? É muito mais que fílmica essa imagem do pássaro atravessando o pátio, azotado pela chuva oblíqua. Onde estão os outros? Onde está ele? Que perguntaremos primeiro?

Reina Roffé alumbra outra dobra e instala com a figura de Reche mais uma arista do problema político cultural que se dá arredor do termo “mulheres”, já que a entidade Reche escapa ou foge de uma identidade comum, por tanto é sentenciada como rara.

Quando é tempo de fugir, não só escapa-se do templo interior, senão que a evasão é paralela ao escape da casa física onde habita tia Reche. Sair da casa é análogo a sair dela mesma, porque a casa se faz carne em Reche e em todos aqueles que pactuam com o silêncio e a resignação.

#### 5. *A solidão marginal*

Quando o narrador/a conta que “ninguém a via”, não abre outra porta que à interioridade de tia Reche. Quem não tem lugar, não conta; e os lugares já estão desenhados. Tia Reche está afastada de um espetáculo que ninguém a convidou e que sem embargo lhe reclama sua presença. A solidão em Reche deve ler-se marginalização.

Tia Reche inicia sua carreira até a porta, é comparada com a imagem de um pássaro em vôo incessante. As imagens são transparências superpostas nas quais coincidem seus contornos de fuga.



Agora Reche eleva-se como uma estátua de obsidiana, materialidade de natureza vulcânica, vítrea e de duvidosa transparência, com a que os antigos Maias fabricavam suas facas de sacrifício e outras armas cortantes. Reche torna-se, na sua carreira, oferenda e fogueira; faca e coração.

Quanto de ritualidade há na palavra que se concebe a modo de consigna ou mandato?

Corre a sorte de tia Reche, depois da sentença proferida pela sua boca. Sua palavra também é performativa e não só comunica. A palavra funciona como conjura e obriga-a; é a faísca capaz de fazer arder suas têmperas e move-la a aceitar seu desígnio (a palavra é desígnio). Daí seu crescimento conforme avança até a porta, na maturação da sua ideia, que a conduz a parecer outra, ou meramente, a ser outra.

#### 6. *O travestismo em Reche*

Reche é a encarregada de buscar o número de homens exato para levar adiante uma cerimônia judia, no oratório improvisado nos fundos do comércio de seu pai. Já que o número requerido de modo excludente era de dez homens, Reche decide completar a soma com sua presença, travestida. Eis sua primeira façanha.

Aqui aparece com clareza a situação da mulher que não conta nem faz parte do ofício religioso, com uma das tantas manifestações culturais onde a submissão do gênero se faz evidente.

Há uma data, uma locação e uma comunidade específicas no texto, a saber, respectivamente: ano 1925, Jobson-Vera (Santa Fe, Argentina), judia sefardí. Com segurança, em um povoado em ascensão, acendido pela chama do trem e o sonho projetado na grande cidade, o lugar da mulher equivale a um pedaço de carne, um móvel descolado ou um elemento acessório confinado ao gineceu, sustentado desde séculos a força da dominação masculina. A exigência da virgindade, os modais da dama ou a senhora, o protocolo por antonomásia da esfera feminina.

Vale para dar atmosfera que sirva como referência a este primeiro quarto de século XX em Argentina, a presença da palavra de Alfonsina Storni, em versos tais como paradigma de luta feminina ou simples referência de época no que concerne ao lugar da mulher no país, em versos tais como:

Yo soy la mujer triste  
a quien Caronte ya mostró su remo<sup>3</sup>.

Reche, na escola, de criança, alimenta sua invisibilidade, segundo o/a narrador em situações tais como:

---

<sup>3</sup> En Ocre, 1925.



Las maestras solían calificarlas con notas altas, pero decían que era como una prolongación del banco de clase, apagada, quieta (...)

Isto de alguma maneira revela que era uma pessoa de conduta correta, em termos sociais.

Não havia de que alarmar-se: boas qualificações, embora seja uma planta. Os interesses da época reduzidos a um só vetor: cumprir.

É singular, a segunda façanha travesti de tia Reche, que funciona como um verdadeiro manifesto, devido a que travestindo seu corpo ela passa despercebida num meio repleto de masculinidade. Esta gesta que parte do universo privado ou interior e que estoura no espaço público, põe, a sua vez, em evidência o paradoxo frívolo do critério masculinizante da época.

A ação de Reche, de jovem, se chama brincadeira; de adulta, transgressão. Esta última com vinte anos, em Buenos Aires, em uma sinagoga abarrotada de fiéis e sem motivos (aparentes) para misturar-se: “sem necessidade alguma”. A necessidade se modifica do texto à leitura, e sua brincadeira/transgressão se amalgama e materializa sua condição, seu uivo interior. A certeza das engrenagens que motivam a maquinaria da masculinidade prepara-a para o embate. Toma carreira, análoga ao mar e dá contra a rocha.

Conforme passam os anos, a cifra para completar a cerimônia religiosa devém chave que desmonta a exclusão da esfera feminina nos mais variados âmbitos da sociedade.

O gueto é a amostra que desnuda a sociedade argentina da primeira metade do século XX.

Mais adiante, tia Reche cai em um poço impossível de franquear: logo depois da última transgressão, perde o gosto por tudo e começa novamente o comportamento automático.

De regresso ao tempo presente, momento central no qual tia Reche se dispõe a ganhar o corredor e atravessar a porta e que, a sua vez, permite a evocação ou o *flashback* do passado da personagem em boca do/a narrador/a. A descrição a partir de seqüências não narrativas, que outorgam a impressão de matéria decorativa no texto, mas que sublimam até converter-se em verdadeiros núcleos narrativos que são difíceis de omitir sem que movimente todas as vértebras da história. O narrador pincela escrevendo: *movida e em movimento*. A copulação entre um partícipio passivo e a atividade da substância cinética em movimento, engendra o começo do clímax da carreira recheana. Seguem-lhe os atributos: “rosada” (presença inegável do sangue), em clara oposição à palidez da tia Reche da evocação; “radiante” (com luz própria), deificada; “*arracimada de uvas*”, figuração *báquica* que corre e regressa de maneira *palindrômica*, desde a estampa extasiada, bacanal, bacante, em clara associação com o plano dionisíaco em tensão permanente com o apolíneo. Montada na transgressão, insuflada pela força destrutiva da arte; “adornada de pérolas”, ilustra o *rictus* que surge da ignomínia, o regozijo da vitória assegurada; “coroadas de louros”,





motivo mais recorrente que aponta a nosso imaginário *augustal*<sup>4</sup>, só que neste caso, presumo que a culminação da fuga frenética está mais bem relacionada com uma Dafne<sup>5</sup> vitoriosa por sobre um Apolo instigador.

Finalmente, o caráter performativo da linguagem nos assiste para ver o alcance do termo raro/a e sua projeção sobre os sujeitos. Parecera que quando atribuímos a rareza a alguém ou quando simplesmente somo enrarescidos por o/a outro/a fica expressada a consigna que terá efeito sobre os corpos.

Não devemos esquecer que a formação de um sujeito se gesta dentro de um campo de poder social que define os estados e os desejos do sujeito raro/normal. Esse campo está constituído, entre outras coisas, pelas práticas, os discursos, a economia, etc. Em poucas palavras, fazem que o/a raro/a não seja determinante, senão determinado/a.

Se a mulher é um paradoxo, uma contradição como diz Luce Irigaray, então os sujeitos enrarizados são mais uma volta de parafuso, sobre o contra-senso que se instala arredor do dispositivo rareza, o não-lugar dos/das que não se encaixam nas matrizes desenhadas culturalmente. A figura exemplar de tia Reche nos ilustra como se potencia e se recicla o termo mulher-rara para falar desde seu silêncio a viva voz.

### *Bibliografia*

BUTLER, JUDITH. *El género en disputa*. El feminismo y la subversión de la identidad. 1 edição. Barcelona: Paidós, 2007.

DELEUZE, GILLES. GUATTARI, FÉLIX. *Mil mesetas*. Capitalismo y esquizofrénia. 7 edição. Valencia: Pretextos, 2006.

DERRIDA, JACQUES. *De la gramatología*. 4 edição. México: Siglo XXI, 2000.

ROFFÉ, REINA. *Aves exóticas*. Cinco cuentos con mujeres raras. 1 edição. Buenos Aires: Leviatán, 2004.

---

<sup>4</sup> Relativo a César Augusto, emperador do Império Romano.

<sup>5</sup> Ver mito de Apolo e Dafne